

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Área de Filologia e Língua Portuguesa

**CORTESIA LINGÜÍSTICA
EM ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS ENTRE
JORNALISTAS E JOGADORES DE FUTEBOL**

Renira Appa Cirelli

SIMELP - set/2008

RESUMO

A linha de pesquisa deste trabalho filia-se aos estudos de língua falada no Brasil. O objetivo principal é estudar as diversas formas e ocorrências que ajudam na interação lingüística durante entrevistas transmitidas logo após jogos importantes de Campeonatos diversos, ainda no “calor das emoções” deste que é o esporte mais apaixonante dos brasileiros. Foram gravadas na totalidade, mas transcritos apenas os textos que mais ajudariam na análise em relação ao objetivo, que era o de analisar a interação entre jornalistas e jogadores de futebol através do olhar da cortesia lingüística. Esta teoria tem como base os estudos de Goffman e Brown & Levinson, revendo as ameaças às faces e suas conseqüências. Os resultados preliminares demonstram que a interação entre jornalistas e jogadores é feita de forma bastante informal e ameaçadora, já que todas as faces estão, ao vivo e publicamente, sendo expostas e ameaçadas; que há uma relação de poder latente; e que, por fim, as emoções desempenham um papel muito relevante na interação.

Embora não haja a intenção de se discorrer, nesta pesquisa, sobre a relação de poder na interação a partir de entrevistas radiofônicas, acredito na hipótese de que, nesse tipo de interação, as relações de poder sejam mantidas: o entrevistado (jogador de futebol) não exhibe apenas um aparente poder, mas tem todos os meios disponíveis para inibir ou prosseguir o contato interacional. Um dos interlocutores mantém seu poder, legitimado pelo discurso de entrevistado e pelo *status* e/ou superioridade que sua condição lhe dá, no imaginário e na dependência que existe na relação jornalista/entrevistado. Além disso, sua condição de “interrompido” também pode ameaçar sua face negativa¹ (Brown & Levinson, 1987) e dar ao

¹ FACE NEGATIVA – é a necessidade que todo indivíduo adulto tem de liberdade de atuação, de que suas ações não sejam impedidas ou entorpecidas pelos demais, envolve o território pessoal, o direito a não sofrer imposições. É a face que não quer ser impedida. Preservar a face negativa significa que o outro não pode ou não deve impor nada.

FACE POSITIVA – é a necessidade que todo indivíduo adulto competente tem de sentir-se apreciado pelos demais do grupo, de que ao menos algumas de suas necessidades e desejos sejam compartilhados por, ao menos, alguns outros. Preservar a face positiva é manter a aprovação social e a auto-estima.

interlocutor que o interrompeu mais motivos ainda para usar de maior cortesia lingüística.

Em Análise da Conversação, a função da cortesia lingüística é sempre minimizar algo desagradável, que ocorre ou pode ocorrer, e o fim é atingir determinado objetivo, usando-se certos recursos que mostram respeito pelo outro. Todos têm a necessidade de preservar a auto-imagem pública (face), a qual abrange eventos e comportamentos verbais, para-lingüísticos e ideológicos. No caso do contexto das entrevistas radiofônicas, logo após jogos importantes de futebol, a própria situação do jornalista ao solicitar, entre tantos outros seus pares, que um jogador importante lhe dê atenção, já rompe o equilíbrio da interação, e as faces, em desequilíbrio, orientam-se defensiva e protetoramente.

Conforme Silva (1997:179): “A noção de **face** é universal e foi caracterizada pelo sociólogo Goffman a partir das necessidades e desejos dos interactantes de uma conversação”. Ainda, segundo o autor, sendo a conversação uma atividade interacional, ela necessita de, no mínimo, dois interactantes. Eu gostaria de, a partir desta definição, juntar que, no caso do rádio, o público ouvinte também é chamado a interagir, mesmo de forma passiva, e seria um terceiro elemento a ser levado em consideração na interação.

1º Exemplo – O jogador, com a face ameaçada pela pergunta do jornalista, defende-se e também elogia a própria atuação, protegendo sua face positiva.

Entrevista – Jogo do São Paulo X Fluminense (13/out/2007, Rádio CBN, RJ), intervalo de jogo; o Fluminense vencia por 1x0. Jornalista Hernanes (H) entrevistando Ivan (I), lateral esquerdo do Fluminense.

H Ivan... pelo que o (incompreensível) pediu pra você.. como é que você avalia sua atuação nesse primeiro tempo Ivan?

I é o que eu venho dizendo...acho que:: a falta de ritmo ta fazendo com que eu segure um pouco mais atrás... eu fui uma ou duas vezes...fiz...fiz bom ataque...mas infelizmente não tá dando pra ir toda hora... então é segurar... o time tando bem... entrar...entrar no time do Fluminense com a equipe entrosada é sempre fácil... então:... com a ajuda dos companheiros eu tô graças a Deus fazendo um bom jogo

H taí o Ivan... lateral esquerdo da equipe do Fluminense

Para Goffman (1970), a cortesia entra como um recurso a fim de deixar claro um “pacto latente” entre os interlocutores: não ameço sua face enquanto não sentir a minha ameaçada. A face é a expressão do eu individual. A necessidade de preservação da face é contínua na interação.

Quando um falante interrompe o outro, ameaça a face negativa do interrompido. O inverso também se dá quando o interlocutor demonstra que a interrupção não foi apropriada.

Em casos de discussão, onde há discordância sobre algum assunto, a autoridade do entrevistado pode usar de polidez negativa, ao invés de ser direto e ofender o entrevistador. Obviamente, ambos podem usar ironia, agressão ou desprezo, colocando de lado qualquer preservação ou atenuação.

Um jornalista também pode sancionar a face positiva do jogador de futebol, elogiando-o e incentivando-o a falar, mas isto nem sempre ocorre. Nenhum dos actantes quer perder a face, há “luta emocional” porque, além da relação assimétrica, o discurso do jornalista é geralmente visto como um fator de julgamento e avaliação, por vezes desagradável, polêmico e invasivo à privacidade.

Quando Lakoff (1998) afirma sobre o cuidado no falar, refere-se aos propósitos dos interlocutores em escolher os melhores instrumentos lingüísticos. O mais interessante é que, como não há possibilidade de separar o comportamento lingüístico de outros comportamentos humanos, nem todo jornalista e entrevistado parece estar constantemente consciente desta escolha para atingir seu propósito de informar e/ou responder. Se ele não se adequar à forma lingüisticamente esperada, poderá sofrer sanções por parte da autoridade do entrevistado e do público que, em última instância, é o principal “cliente” da rádio, a qual emprega o jornalista e paga pelas apresentações dos jogos.

2° Exemplo – No trecho abaixo, corroborando Lakoff (op.cit.), parece que a jornalista escolhe as palavras mais adequadas para a ocasião, tem que falar sobre algo desagradável (o fato de o goleiro fazer um pênalti), mas, logo em seguida, ameniza o ato da fala com o enunciado da pergunta que lembra um outro fato, desta vez positivo: o goleiro, apesar de estreante e muito jovem, redimiou-se defendendo outro pênalti. A jornalista ainda utiliza o adjetivo “excelente” para a atuação de Fabiano.

Entrevista – Mesmo jogo, São Paulo X Fluminense, final de jogo: Fluminense e São Paulo empatados em 1x1. Jornalista Vanessa (V) entrevistando Fabiano (F), goleiro do São Paulo, jovem de 19 anos, estreando em um clássico, substituindo Rogério Ceni que estava contundido. Levou um gol de pênalti, mas defendeu outro.

- V Fabiano, levOU um gol de pênalti mas defendeu outro... é excelente para a estréia?
- F é... tive que fazer meu trabalho né? Infelizmente aconteceu... saí muito... muito rápido do gol né...não deu... peguei ali nas perna dele.. fiz o pênalti... mas logo em seguida peguei o pênalti foi (incompreensível) meu trabalho graças a Deus consegui pega/
- V tá certo, tá o Fabiano que acaba de receber os cumprimentos de Diego Tardelli [jogador companheiro do mesmo time].

Embora Brown & Levinson (1978 e 1987) nunca tenham se referido a entrevistas radiofônicas, especificamente, podemos supor que as menores diferenças podem levar à má interpretação e a estereótipos nesse tipo de interação. Um melhor estudo sobre a teoria do contexto poderia abranger fatores importantes, a saber: variação lingüística, distância social e relações de poder, que podem modificar ou influenciar as situações de negociação. Situações estas que podem gerar concordância ou polêmica, aceitação ou agressividade. Os laços são frouxos, qualquer fala que desqualifique ou ameace as faces do entrevistado pode contribuir para o surgimento de um conflito futuro. A interação é assimétrica, por isso, o uso adequado dos meios estratégicos que a linguagem oferece, especialmente os de cortesia, pode evitar ou amenizar o embate.

Os fatores que condicionam o fracasso ou sucesso das entrevistas podem perfeitamente passar pelas estratégias de cortesia na interação. A habilidade do jornalista em dirigir o discurso determina a continuidade da interação, mas não é, de forma alguma, unilateral. Constroem o discurso em conjunto, jornalista e entrevistado, imprimindo ritmo e tentando fazer da entrevista uma interação participativa.

3º Exemplo – aqui se pode notar que a construção do discurso da jornalista retoma a fala de um jogador do Fluminense sobre a má arbitragem. O entrevistado, por sua vez, acredita nela e interage participativamente, dando exemplos concretos,

segundo seu ponto de vista, do que ocorreu durante o jogo e que provam a pobre atuação do juiz.

Entrevista 3 – Mesmo jogo, São Paulo X Fluminense, final de jogo: Fluminense e São Paulo empatados em 1x1. Jornalista Vanessa (V) entrevistando André Dias (A), autor do gol do São Paulo, sobre a arbitragem polêmica do jogo.

- A mais próximo do título também... o negócio é soma/ -- --
- V André, agora a pouco o Luiz Alberto ali pelos lados do Fluminense comentava sobre... a arbitragem... que que o São Paulo considera? Qual que é a avaliação que o São Paulo faz da arbitragem desse jogo?
- A eu também acho que foi uma arbitragem confusa... pra te se/ sincero... é::... num sei dize/ se foi reALmente pênalti ali... ele acabou dANdo ele deu um cartão pro Aluísio LÁ... que ele falou que o Aluísio simulou... /tão que/ dizer... fora isso mais umas faltinhas que ele parava... ele se complicou mesmo aí é:: não foi bem... foi infeliz na arbitragem dele... mas faze/ o que? É seguir em frente... o importante é que o São Paulo conseguiu um empate importante no Maracanã
- V ta certo, taí André Dias autor do gol do São Paulo, mais alguém por aí Leandro?

O simples fato de o jornalista correr atrás, literalmente, do jogador ou técnico de futebol, já provoca ameaça à face. Os comportamentos ritualísticos, para compensar as ameaças ou danos à face, variam conforme a intensidade da preocupação com ela; o dano individual é uma constante preocupação do entrevistador e do entrevistado. Suas ações e reações poderão variar, obviamente, de acordo com o comportamento ou receptividade de cada interlocutor.

Considerações Finais

Como a cortesia regula as condutas e situa-se entre a assimetria social e a intenção do locutor, ela possibilita a manutenção do equilíbrio entre entrevistado e entrevistador. Os mecanismos estratégicos amenizam ou evitam confrontos na interação.

Em relação às entrevistas transcritas nesta análise, pudemos constatar que quaisquer dos indivíduos entrevistados têm imagem pública e se estabelecem de acordo com o esperado de cada um, isto é, os jornalistas tentam informar e mostrar que também são analistas e os jogadores dão sua visão do desempenho deles

mesmos e de seus colegas, mas a interação é frouxa porque a participação na construção de um texto não superficial é pouco importante, o mais importante é que o entrevistado exponha suas idéias.

As análises realizadas sugerem que a produção de um texto radiofônico de entrevistas está intimamente ligada ao contexto, não são simples proposições. Não haveria interação verbal se não houvesse um contexto comum a todos os envolvidos. O contexto faz parte da própria relação construída entre os interlocutores. Como diz Marcuschi (2001, pg 48) “Seguramente, esse **complexo ato humano** que é a linguagem em **situações sociais** autênticas continua desafiando os estudiosos da interação verbal.”

As ações languageiras são específicas e diferenciadas, especialmente quando se trata da interação em esporte tão popular quanto o futebol. As ações devem ser contextualizadas, inseridas no local, com significado, ou não serão interativas. Espero que os exemplos trazidos e analisados apresentem uma noção de como as entrevistas radiofônicas futebolísticas se organizam e como são extremamente passíveis de ameaçarem as faces positivas e negativas dos interlocutores, por conterem em seu bojo julgamento de valor e de desempenho.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Z.G.O. (1997). *Conversação e Conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. Tese de doutorado. FFLCH/USP

BROWN, P. & LEVINSON, S. (1978). *Universals in language use: politeness phenomena*. In: GOODY, E. (Org.). **Questions and Politeness: strategies in social interaction**. Cambridge: C.U.P. (Cambridge University Press), p. 56-289.

_____ (1987). *Politeness: some universals of language use*. Cambridge: C.U.P. (Cambridge University Press).

GOFFMAN, E. (1970). *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.

LAKOFF, R. (1998). *La lógica de la cortesía, o acuérdate de dar las gracias*. In: JULIO, M.T.; MUÑOZ, R. **Textos clásicos de pragmática**. Madrid: Arco/Libros, p. 259-278.

_____ (1973). *The logic of politeness; or, minding your P's and Q's*. Chicago: Chicago Linguistics Society.

MARCUSCHI, L..A. (2001). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.

SILVA, L. A. (1997). *Interação no discurso de sala de aula (Projeto NURC)*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.